

Estudos

Interdisciplinares sobre

Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre  
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espaço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coelho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919116</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll Felipe Basso Silva Gabriel Bittencourt de Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates Mirela Santiago Santos Rafael Bomfim Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo Anna Marcella Mendes Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919119</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Valdenora Souza Mota Dayane Rainha da Silva Maria Madalena Pontes Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita Patrícia Quitero Rosenzweig Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919113</b>	



<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>186</b>
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>195</b>
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>209</b>
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191120</b>	

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>217</b>
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis	
Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA .....</b>	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>228</b>

## A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU

**Joise Magarão Queiroz Silva**

IUNE EDUCACIONAL UNIME

Salvador – Bahia

**Mariza Silva Almeida**

Universidade Federal da Bahia

Salvador-ba

**Edméia de Almeida Cardoso Coelho**

Universidade Federal da Bahia

Salvador-ba

**Talita Batista Lefundes**

IUNE EDUCACIONAL UNIME

Salvador - Bahia

**Kelly Cruz Pimentel Sampaio**

IUNE EDUCACIONAL UNIME

Salvador – Bahia

**Liliane de Souza Cruz**

IUNE EDUCACIONAL UNIME

Salvador – Bahia

**RESUMO:** A maternidade acarreta transformações psicológicas, no que tange aos aspectos profissionais, sexuais, afetivos e familiares que configuram a identidade feminina. Objetivou-se analisar a vivência de mães no Método Canguru. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Foi realizado em duas Instituições Públicas no Município de Salvador-Ba. A produção empírica dos dados ocorreu por meio

de entrevista semiestruturada e oficinas de reflexão durante os meses de julho a dezembro de 2013. Participaram dessa pesquisa 16 mães, sendo 10 da instituição A e 09 da Instituição B, destas, somente 16 cumpriram os critérios de inclusão. O material empírico foi analisado por meio de análise de conteúdo sob a abordagem teórica de gênero. As mães participantes do estudo, mesmo relatando várias dificuldades para sua permanência na unidade canguru, refeririam, satisfação pelo fato de poder estar ao lado do/a filho/a, embora ansiosas, com saudades de casa, marido e de outros/as filhos/as. Questões de gênero ainda são fortemente vigentes nos dias atuais, reforçando a ideia da procriação e o papel feminino na realização dos afazeres domésticos, socialização dos filhos (as), cuidados com outros como idosos, pessoas doentes entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Método Canguru, cuidado e enfermagem, prematuridade.

### THE INFLUENCE OF SOCIAL CONSTRUCTIONS ON EXPERIENCING THE KANGAROO CARE

**ABSTRACT:** Maternity brings up many psychological changes regarding career, affection, family and sexual aspects related to the women identity. This research have the objective to

analyse the living of the mothers under the Kangaroo care. It is a exploratory and descriptive research with qualitative approach. This study was conducted in two Public Institutions in Salvador, Bahia. The empiric data production involved a semi-structured interview and workshops during the months of July until December, 2013. Sixteen mother participated of this research. Initially, we had 10 mothers from institute A and 9 mothers from institute B, however only 16 of them could be included by our criteria. The data had been analyzed under theoretical perspectives on gender. The chosen mother participated in the research expressed many drawbacks involved with their permanency at the Kangaroo unit, they were glad they could stay longer with their children even though apart from home, husband and other kids (some mothers). Questions about gender are strong nowadays, strengthening the idea of birth and the female role on house cleaning, children socialization and either elderly or sick people care.

**KEYWORDS:** Kangaroo Care, Nursing and care, prematurity.

## INTRODUÇÃO

O amor materno é profundo e impossível de ser mensurado apenas por um aspecto que diz respeito à permanência ininterruptamente ao lado do/a filho/a. Comum aos seres humanos e não restrito à natureza feminina, as construções socioculturais acompanham a evolução das atitudes maternas, e como resultado tem-se o interesse e a dedicação à criança de modo diferenciado para cada mulher (BADINTER, 1985).

O amor materno, era considerado como pré-concebido, pré-formado, esperando-se só a ocasião para o exercer. Assim, diante da afirmativa de ser o amor materno inato e natural, como se pode explicar que esse sentimento, dito instintivo, se manifeste em algumas mulheres e em outras não? (MELLO, 2002).

Em relação à maternidade é de suma importância para a noção de feminilidade, destacar que a reorganização da identidade ameaçada leva tempo para se alcançar. É importante considerar que o fator biológico estabelece limites, e a forma de lidar com essa imposição dependerá da personalidade e das circunstâncias de cada mulher (MANSUR, 2003).

A maternidade acarreta transformações psicológicas, no que tange aos aspectos profissionais, sexuais, afetivos e familiares que configuram a identidade feminina, bem como a forma pela qual elas colaboram para a auto realização da mulher. Desse modo, a identidade feminina deve ser vista como um constructo complexo, que envolve amor, sexualidade, vida profissional e muitos outros fatores, dentre os quais a maternidade, que poderá ou não ser assumida como papel preponderante ou prioridade da vida de uma mulher (SOUZA; FERREIRA, 2005).

Por muito tempo, a crença de que gerar a vida faz parte da natureza da mulher tornou a maternidade intrinsecamente vinculada à identidade feminina. Existem

relatos mitológicos (como, por exemplo, o mito grego de Deméter, a vida da deusa Iansã) que, ao associar às imagens de mãe e mulher de forma indissociada, contribuiu para que, historicamente, a maternidade viesse a ser considerada uma vicissitude biológica, isto é, uma decorrência natural e inevitável à condição feminina, ainda que saudável e, muitas vezes, desejável (SOUZA; FERREIRA, 2005).

A maternidade, quando exercida em contexto hospitalar em situações de internação do/a recém-nascido/a, a exemplo da prematuridade, submete mães a afastamentos do lar, do cuidado da casa, do parceiro e de demais filhos/as, o que se aplica ao Método Canguru (MC). Este consiste em em uma estratégia essencial para mudança institucional na busca da atenção à saúde do RN prematuro ou baixo peso, através de cuidados que são realizados na enfermaria canguru realizados pela própria mãe, com o auxílio da equipe de saúde.

Esses são elementos constitutivos do nosso pensar e agir, fortalecido pela afirmativa de que ‘ser mãe é inato’, que já ‘crescemos com esse desejo’. De modo geral, não temos bagagem cultural para nos contrapor e/ou identificar que esse desejo é moldado e construído culturalmente. Além dessa afirmativa está presente no imaginário popular que ‘ser mãe é padecer no paraíso’, que a mãe deve sofrer em prol do (a) filho (a), dentre outras construções e reflexões extensivas ao sexo feminino.

Apesar de grandes avanços e conquistas que as mulheres alcançaram ao longo dos anos, ainda persiste no imaginário popular a idéia de que “a mulher verdadeira é aquela que é mãe”. Nesse sentido, também continua atribuindo-lhes tarefas ditas como femininas de modo a sobrecarregá-la, muitas vezes com tripla jornada de trabalho, pois além de trabalhar no espaço público terá que cuidar da casa, dos/as filhos/as e do marido.

É possível afirmar que, a questão biológica de ser mãe ainda é fortemente ancorada nas teorias e relações sociais vigentes, sem valorização das questões de gênero, em cuja construção mulheres são frágeis vinculadas vinculando diretamente à reprodução e sem direito de viver sua sexualidade livremente.

Diante da construção sociocultural direcionada ao amor materno, acreditamos que as mães terão dificuldades em expressar sua indisponibilidade ou dificuldade em permanecer durante as 24h em ambiente hospitalar. Essa questão associada às vantagens reconhecidas do MC contribui para que as mães sintam que tem obrigação compulsória dessa permanência além da cobrança que reforçam tal permanência que recebem de marido, sogra, mãe e profissionais de saúde.

A assistência e cuidados neonatais associados ao MC reforçam seu valor para a sobrevivência e redução da morbidade dos neonatos. Acreditamos, contudo, que a observância das questões individuais possa facilitar ou atender às necessidades singulares de cada, sendo primordial para a autodeterminação e a autonomia, importantes como direito de cidadania.

Desse modo, faz-se necessário pensar, refletir e adquirir saberes sobre essa

construção de gênero desde a infância, sendo necessária a abordagem desses conceitos na escola, na comunidade, em família, na sociedade de modo geral. Isso contribuirá para minimizar e/ou reduzir a discriminação de gênero tão presente em nossa sociedade, difundindo-se direitos e deveres igualitários entre homens e mulheres.

Tendo como objeto o significado da vivência no Método Canguru para as mães este estudo tem o objetivo de analisar o significado da vivência de mães no MC.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Foi desenvolvido em duas Instituições Públicas com leitos obstétricos no Município de Salvador-Ba, denominadas Instituição A e Instituição B. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob Parecer de nº 309606 e CAA de nº 16367713. 4.0000.5531. A pesquisa foi iniciada após apresentação, leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelas mães, em concordância com o estudo.

A fase de produção empírica dos dados ocorreu durante os meses de julho a dezembro de 2013 em dois momentos, utilizando-se para cada uma técnica específica, entrevista semiestruturada e oficinas de reflexão

As oficinas de reflexão aconteceram em dois encontros, no próprio espaço de cada unidade canguru (A,B), mediante acordo com a enfermeira coordenadora das unidades, que viabilizou a realização das oficinas no mesmo espaço da Unidade Canguru, com a participação livre das mães, que estariam mais tranquilas e despreocupadas, por permanecerem junto a seus/suas filhos/as. Nas oficinas, contamos com o apoio de uma estudante de graduação e da nossa orientadora.

As entrevistas às mães foram realizadas pela pesquisadora em local reservado, foram gravadas a fim de garantir a precisão dos depoimentos, guiado por um formulário semiestruturado para obtenção dos dados de identificação, sociodemográficos e obstétricos das participantes, seguido da entrevista, norteada pelas questões: “O que significa para a senhora está aqui na unidade Mãe Canguru?; Fale-me sobre as facilidades e dificuldades de sua permanência na unidade Mãe Canguru. A senhora tem alguma sugestão em relação ao funcionamento da unidade Mãe Canguru?”.

Participaram desta pesquisa 16 mulheres, 10 da instituição A e 06 da instituição B, que cumpriram os critérios de inclusão: ter idade mínima de 18 anos; estar em condições físicas e psicológicas para serem entrevistadas e/ou participar das oficinas e ter no mínimo uma semana convivendo em uma enfermaria do MC de forma integral junto com seu/sua RN.

Para manter o anonimato, as mães entrevistadas receberam uma codificação conforme sua participação em entrevistas e oficinas, respectivamente: Entrevistas-

E1, E2... e oficinas- Of .A (Instituição A), Of. B (Instituição B). Após o consentimento, as participantes procederam à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), levando em consideração os critérios da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que diz respeito à pesquisa envolvendo seres humanos. Para operacionalizar a análise e tratar as informações coletadas, resultantes da observação, entrevista e oficinas optamos por utilizar a análise de conteúdo, modalidade temática norteada por Bardin.

Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada “Significado da vivência de mães no Método Canguru”, Verifica-se que, ao dar voz às mães, essas tem a oportunidade de expressar seu reconhecimento ao alcance dos objetivos do método e o significado da convivência delas na enfermagem canguru.

## **RESULTADOS/DISCUSSÃO**

### **Atendendo a construções sociais na vivência do Método Canguru**

O modelo de mãe que vemos nos dias atuais, amorosa e dedicada começou a ser moldado no final do séc. XVIII. O papel da mãe nem sempre foi visto dessa forma, como um amor instintivo e que toda mulher nasceu para ser mãe, foi necessário uma modificação radical por mais de 200 anos para que essa ideologia fosse absorvida (LINS, 2012).

Nessa abordagem Badinter (1985) relata que, após insistentes discursos de Rousseau, dos moralistas e médicos para modificarem os hábitos e costumes das mulheres durante o séc. XVIII, o amor materno se distanciou um pouco do caráter biológico vigente e passou a se configurar como uma obrigação ou dever moral para com a sociedade. Nesse sentido, a mulher deveria se responsabilizar com a educação de seus(suas) filhos(as), visto ser a única capaz de exercer tal papel.

Neste estudo pudemos observar em vários momentos que a maioria das mães, mesmo com problemas relacionados à permanência na unidade canguru, referiu estar satisfeita em permanecer ao lado de, seu/sua filho/a, embora ansiosa, com saudades de sua casa, marido e de outros/as filhos/as.

Segundo Lins (2012), a mulher se anula buscando atender ao imperativo social de ser boa mãe e progressivamente suas responsabilidades aumentam, chegando a não ter mais tempo livre, e se conformam em sacrificar-se para que seu filho viva bem ao seu lado.

Para as mães, o mais importante é priorizar o bem-estar de sua criança, muitas vezes incompatível com seu planejamento de vida (BRAGA, MACHADO, BOSI, 2008). Os depoimentos a seguir referendam esses enunciados,



[...] eu fiquei por ele, ele precisava, faria tudo de novo [...] (E<sub>1</sub>).

[...] eu estou aqui por ele entendeu? Então todos os obstáculos por causa dele, eu estou aqui (E<sub>13</sub>).

Essa forma de maternar contribui para formação do vínculo, fortalecimento do amor construído, de modo incondicional, fortemente influenciado pela identidade de gênero, socialmente construída, e que fortalece o dever da mulher em cuidar dos/as filhos/as.

Como afirma Badinter (1985), o amor maternal não é um sentimento próprio da condição de ser mulher, não é um determinismo, mas algo que foi construído socialmente desde o princípio do séc. XIX.

Segundo Chodorow (1990), a maternação das mulheres, bem como a organização dos cuidados maternos e paternos, está fundamentalmente integrada na organização social do gênero. Assim sendo, as mulheres são predispostas psicologicamente para a maternação por conta do seu desenvolvimento inicial, no qual crescem, convivendo com discursos e exemplos de outras mulheres que vêm na maternagem algo sublime.

No estudo, muitas mães repetiam que independiam de sua vontade, que estavam ali apenas por causa da criança, razão esta, que superava seus problemas e dificuldades, como se expressa nessas falas:

[...] chorava bastante, só que aí as pessoas lá dentro ficaram assim falando: você quer desistir? Seu filho vai voltar pra semi (unidade semi-intensiva) e tal, e quando eu pensava que meu filho ia voltar para lá, aí não, e eu fui forte e aquilo foi me dando força e até hoje, se for passar essa semana e a outra, pra mim não importa, eu estou com ele e eu sei que a gente vai sair e não vai ficar aqui pra sempre (E<sub>12</sub>).

[...] tem horas que dá vontade de largar tudo e voltar, mas a gente pensa que a gente tá aqui não é nem pela gente, mas é pela criança. Tem horas que me dava vontade de pedir para ir para casa, mas depois eu pensava nele, não, vou ficar, pois quem precisa de mim é ele (E<sub>3</sub>).

[...] Quer dizer que eu tenho que ficar por causa dele, mas que eu gosto não gosto não [...] (Of.<sub>b</sub>; E<sub>3</sub>).

Neste estudo, em ambas as Instituições os pais pouco apareciam no horário de visita e mesmo em tão pouco tempo que permaneciam na unidade, não se envolviam e não eram envolvidos nos cuidados do/a neonato/a. Diante do novo, do desconhecido, a tarefa é atribuída apenas às mães, o que provavelmente se repetirá no domicílio, e desta vez sem o apoio dos/as profissionais de saúde e que se somarão às tarefas domésticas, também socialmente legitimada como de responsabilidade da mulher.

Tal fato é confirmado no estudo de Arivabene e Tyrrel (2010), no qual, ficou explícito que a não aderência dos pais e demais familiares ao MC dificulta a relação entre a mãe e outras entidades sociais.

Segundo Gomes e colaboradoras (2007), é de suma importância uma nova

concepção da família, fundamentada em relações mais simétricas entre homens e mulheres, entre pais e filhos/as, que permita uma mudança na conformação dos comportamentos sociais.

Essas mesmas autoras reforçam que, as relações na família são atravessadas por relações de poder, nas quais as mulheres e crianças, obedecem ao chefe da casa, ou ao homem da casa, tido como autoridade máxima no núcleo familiar. Dessa forma, o poder do homem é socialmente legitimado, seja no papel de esposo, seja no papel de pai (GOMES, et al, 2007).

É fácil compreender que essas questões de gênero ainda são fortemente vigentes nos dias atuais, reforçando a ideia da procriação e o papel feminino na realização dos afazeres domésticos, socialização de filhos/as, cuidados de pessoas idosas, doentes entre outras.

Freire (2008) enfatiza que desde a década de 1920, diversos atores da sociedade, dentre eles educadores, políticos, juristas, feministas, médicos consideravam a maternidade como o principal papel social das mulheres, além de ser a essência da mulher. Era também concebida simultaneamente como um instinto inerente à natureza feminina, uma missão divina e um dever social.

Para Lins (2012), até meados do Séc. XVIII, a criança era considerada como um empecilho para a mãe na vida conjugal e nos prazeres mundanos, sendo considerado deselegante o cuidar de uma criança. A maioria das vezes filhos/as eram entregues a uma ama de leite logo após o nascimento, ficando com essas até os 4 ou 5 anos de idade, 'isso quando sobreviviam'.

A mãe da contemporaneidade começou a ser moldada no final do Séc. XVIII, por meio de uma inovação mental, em que a imagem da mãe, seu papel e sua importância se modificou de forma radical. Essa nova ideologia maternal passou por uma árdua luta de mais de 100 anos, para vir a ser absorvida pelas mulheres e pela sociedade em geral (LINS, 2012).

Desse modo, o papel que hoje atribuímos às mulheres e mães, antes não tinha a real importância que lhe damos atualmente, pois as mães pariam e quem cuidava eram as amas de leite de forma muito precária. As crianças viviam em péssimas condições de vida, sendo criadas por pessoas que não tinham nenhum parentesco e pouca afeição, quando chegavam a sobreviver. Essa afirmativa se respalda em Elizabeth Badinter (1985), O mito do amor materno, onde descreve como se deu a construção desse amor.

Apesar de diversas mudanças ocorridas em relação à maternagem, a maternidade continua sendo afirmada como um elemento muito forte da cultura e identidade feminina pela sua ligação com o corpo e com a natureza (SCAVONE, 2001).

Faz-se necessário mudança de postura de profissionais de saúde e das próprias mulheres incentivando a participação de forma mais ativa dos homens no cuidado familiar. É necessário também criar condições para o empoderamento das

mulheres lançando-se as bases na infância, com efetiva participação do sistema de ensino.

Assim, o espaço da escola, além da família é de suma importância, no estímulo desde cedo da equidade de gênero pelo Esse incentivo é também assumido MEC pela Lei 12.852 de 05 agosto de 2013. Essa propõe inclusão de temas sobre questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher na formação profissional na educação, saúde e segurança pública e em direito (BRASIL, 2013).

Segundo Scavone (2001), a maternidade moderna tem como ideal uma relação familiar com equidade de gênero na responsabilidade parental, porém a sua concretização ainda está longe de ser alcançada em todos seus aspectos, pois pressupõe uma relação igualitária entre os sexos. Para alcançar esta equidade muitos elementos estão em jogo e, entre eles, a emergência de uma nova sensibilidade social que derrube o determinismo biológico (SCAVONE, 2001).

O papel atual das mães para o cuidado das crianças é de grande relevância. Em situações de prematuridade, a presença da mãe tem importância ímpar para a sobrevivência de neonatos/as, que requer um cuidado especial e diferenciado. Contudo ressalta-se que o cuidado deverá ser compartilhado com o pai, bem como a mulher deve contar com suporte e apoio familiar.

O pai e demais familiares são pessoas importantes para a continuidade desses cuidados, pois como mencionado, as mulheres são muitas vezes sobrecarregadas não restando tempo para cuidarem de si. Faz-se necessário um olhar diferenciado para essas mães, no sentido de oportunizar autovalorização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência e cuidados neonatais associados ao MC reforçam seu valor para a sobrevivência e redução da morbidade de neonatos. Ao lado disso, a observância das questões individuais que possam facilitar ou atender às necessidades singulares de cada mãe, além de significativo para essa sobrevivência, são elementos primordiais para sua autodeterminação e autonomia, importantes para alcance da cidadania.

A frase construída e socializada de que 'ser mãe é padecer no paraíso' nos parece ter sido incorporada pela maioria das mães, pois mesmo relatando várias dificuldades para sua permanência na unidade canguru, referiram satisfação, pelo fato de poder estar ao lado de, seu/sua filho/a embora ansiosas, com saudade de sua casa, marido e de outros/as filhos/as.

Este fato é compreensível, em função da incorporação de papéis naturalizados na construção da identidade de gênero. Diante dos imperativos, aquelas que fugirem do padrão serão julgadas como péssimas mães, mulheres desalmadas, dentre outros adjetivos.

Profissionais de saúde poderão fornecer suporte às mães que se encontram no MC, mediante sua qualificação e formação sobre as construções sociais de gênero, de modo a adquirir ferramentas teóricas que lhes possibilitem reduzir tensões das mães em MC e contribuir na abertura de caminhos para o empoderamento, refletindo juntas diante de vários aspectos que envolvem questões de gênero. Essa posição é extensiva a outros espaços sociais como escolas, centros comunitários, grupos de jovens dentre outros, que contribuam com a formação cidadã.

Sendo assim, é de suma importância a formação de profissionais da educação e da saúde com abordagem de gênero, visto que apesar das grandes mudanças a partir do século XX continua-se reproduzindo que o mundo da mulher é essencialmente o privado, o doméstico e o dos homens é o espaço público, sem fronteiras

A participação e envolvimento do homem no cuidado com os/as filhos/as precisa ser incentivada, modelo a ser aprendido pelas crianças na família e reforçado pelas demais instituições sociais.

O uso de oficina de reflexão, entrevistas para coleta do material empírico foram adequados e nos permitiu obter conhecimento sobre o significado da vivência de mães internadas em unidade canguru.

## REFERÊNCIAS

ARIVABENE, João Carlos; TYRRELL, Maria Antonieta Rubio. Método mãe canguru: vivências maternas e contribuições para a enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. v. 18, n. 2, [07 telas] mar-abr, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>, Acesso em : 15/12/2012

BADINTER, Elizabeth. **Um amor Conquistado: O mito do Amor Materno**. Tradução por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1985

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Tradução por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 71, 2011

BRASIL, Lei 12.852 de 05 de agosto de 2013. Presidência da República. Brasília, 2013

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 466/2012. Sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

BRAGA,Danielle Freitas; MACHADO, Márcia Maria Tavares; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Amamentação exclusiva de recém-nascidosprematuros: percepções e experiências de lactantes usuárias de um serviço público especializado. **Rev. Nutr.**, Campinas, 21(3):293-302, maio/jun., 2008.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade, Uma Crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro (RJ):Rosa dos Tempos, 1990

FREIRE, Maria Martha de Luna. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências,Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.

GOMES, Nadielene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire; ARAÚJO, Anne Jacob de Souza Araújo; COELHO, Tâmara Maria de Freitas. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. **Acta Paul Enferm**, v. 20, n.4, p.504-8, 2007.

LINS, Regina Navarro. **A Cama na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências.** Ed. Rev. E ampliada. 7 ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012

MANSUR, Luci Helena Baraldo. Experiências de Mulheres sem Filhos: a Mulher **Singular** no Plural. **Psicologia ciência e profissão**, v. 23, n. 4, p. 2-11, 2003.

MELLO, Ivana S. Paiva Bezerra. Considerações Sobre o Amor Materno. **Interlocuções (UNICAMP)**,v.1,n.1,p.79100,2002.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.**Interface Comunic, Saúde, Educ**,v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SOUZA, Daniela Borges Lima; FERREIRA, Maria Cristina. Auto-estima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 10, n. 1, p. 19-25, jan./abr, 2005.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

### C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

### D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

### E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

### F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

### H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

### I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158



Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

## J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

## L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

## M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

## O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

## P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

## R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

## S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

## T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

## V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895